

## SLAM RESISTÊNCIA SURDA – CURITIBA: MOVIMENTO E POESIA

Deaf resistance Slam – Curitiba: movement and poetry

**Rhau de Lemos Santos<sup>1</sup>**  
**Gabriela Grigolom<sup>2</sup>**  
**Jonatas Medeiros<sup>3</sup>**

### RESUMO

O objetivo deste artigo é relatar as experiências de produção e realização do *Slam*, evento realizado em algumas cidades do país e que tem por finalidade ser um espaço de resistência, protesto e representatividade de grupos historicamente marginalizados/as e oprimidos/as. Pensando no *Slam* como um espaço político, em que acontece um rompimento linguístico com a participação da primeira poeta negra surda, apresentando poemas em língua de sinais, inicia-se uma mobilização para a criação do primeiro *Slam* Resistência

### ABSTRACT

The purpose of this article is to relate experiences of production and realization of Slam, an event held in some cities in the country which aims to be a space of resistance, protest and representation of historically marginalized and oppressed groups. Thinking of Slam as a political space, in which there is a linguistic rupture participates of the first female deaf black poet presenting poems in sign language, starts a mobilization

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Educação pela UFPR; licenciado em História; tradutor intérprete de Libras (UFPR), Universidade Federal do Paraná, Curitiba-Paraná, Brasil. rhaullemos@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduada em Teatro (Bacharelado) UNESPAR. Artista, poeta e atriz surda, Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR. gabrielasofiantonio1@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestrando em Estudos da Tradução pela UFSC; licenciado em Letras/Libras pela UFPR; tradutor intérprete de Libras (UFPR), Universidade Federal do Paraná, Curitiba – Paraná, Brasil. jonataslibras@gmail.com.

Surda em Curitiba, surgido com o objetivo de ser um espaço para poetas surdos/as relatarem suas pautas políticas e narrativas de vida. Para narrar esta trajetória, utilizamos como metodologia levantamentos bibliográficos, materiais audiovisuais e relatos de experiência. O *Slam Resistência Surda* assim se revela como um significativo espaço de empoderamento surdo e da produção de narrativas poéticas sobre as vivências surdas, podendo se configurar como local de educação e formação de consciência política.

for the creation of the first Slam Resistência Surda in Curitiba. It came up with the objective to be a space for deaf poets to relate their politics and life narratives. To narrate this trajectory, we used as methodology bibliographic surveys, audiovisual materials and experience reports. The Slam Resistência Surda, reveals itself a significant space for the identification and production of poetic narratives about how deaf experiences can be configured as a place for education and training in education policy.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Slam; Libras; Poesia sinalizada; Artefato cultural.

### **KEYWORDS**

Slam; Brazilian Sign Language; Signed poetry; Cultural artifact.

## **Introdução**

Em tempos em que a cultura vem sendo ameaçada e os grupos minoritários atacados, é urgente pensar em estratégias de resistência para nos mantermos vivos nesses momentos de crise. Com os discursos de ódio naturalizando-se contra os grupos historicamente marginalizados e oprimidos<sup>4</sup>, sem nenhum constrangimento de serem expostos, torna-se fundamental discutir sobre as diferenças de forma crítica, tomando cuidado com as armadilhas que este conceito pode trazer. Como destacado por Pierucci (1990), os conservadores possuem consciência e sabem distinguir quem faz parte da diferença e desejam que continue dessa forma. Em um sistema hegemônico, a diferença mantém a posição de poder desses grupos, perpetuando a desigualdade. Este sistema patriarcal capitalista supremacista branco (HOOKS, 2019) não quer renunciar a seus privilégios e muito menos permitir que grupos minoritários ocupem o mesmo *status* social que eles.

<sup>4</sup> Entre os grupos marginalizados e oprimidos, podemos destacar os negros, LGBTIs, mulheres, indígenas, pessoas com deficiências e surdos/as, entre outros.

Quando discutimos sobre a diferença, é sempre importante colocá-la no campo da igualdade, respeitando os grupos heterogêneos, no sentido da diversidade cultural que os caracteriza, e da luta pela igualdade de direitos. É importante ressaltar que as diferenças existiram e sempre existirão e que as múltiplas identidades continuarão a ser construídas e reinventadas. Por isso, torna-se necessário que os discursos produzidos pelos grupos estigmatizados que fazem parte da diferença tenham a capacidade de trazer a crítica e provocar uma transformação ideológica e política nos sujeitos. Para Lopes (2002), quem ocupa o poder está supostamente mais habilitado a ser produtor de outros seres, por isso, faz-se necessário que os grupos historicamente oprimidos ocupem o lugar de produtores de discursos, principalmente discursos políticos descolonizados.

Assim, com o objetivo de ocupar espaços de poder e despertar o senso crítico nas pessoas, poetas envolvidos com movimentos sociais iniciaram em suas cidades o evento *Slam Poetry*. No Brasil, os *Slams* tornaram-se espaços de luta e resistência e através de suas poesias faladas/sinalizadas, os *slammers*, produzem discursos políticos, permitindo uma reflexão aos participantes sobre seu papel na sociedade. O *Slam*, teve seu início na América do Norte, nos Estados Unidos. De acordo com Neves (2017), o termo *slam* é uma onomatopeia, que faz parte da língua inglesa e significa o rangido de portas e janelas. Iniciou-se, originalmente, na cidade de Chicago, em bares e restaurantes que reuniam artistas locais. O criador do *Slam*, Marc Kelly Smith era um operário apaixonado pelas artes, em especial por poesias. Por isso teve a ideia de reunir poetas de diferentes regiões da cidade, nesses bares, dando início a esse evento.

A pesquisadora, poeta e atriz D'Alva (2019) afirma que desde 1986 o movimento traz debates com traços marcantes, não apenas artísticos, mas também políticos. Para a autora a junção de política, arte, entretenimento e jogo, somada à sua vocação comunitária, faz com que os *slams* sejam celebrados em comunidades no mundo todo. D'Álva (2019, p. 272) comenta que, além dos *slams* de formato “tradicional” existem algumas configurações particulares como o *Slam* do Corpo, primeiro *slam* entre surdos e ouvintes da América Latina, promovido pelo coletivo Corposinalizante.

Nessa linha, a pesquisa de Lucena (2017) se propõe a debater o que autora vem a chamar de “Beijo de Línguas”, encontro entre o poeta surdo

e o poeta ouvinte em sua investigação de experiência poética, ética e auto (educativa) no Corposinalizante, espaço no qual atua. O espaço foi criado em decorrência de seu trabalho com jovens surdos no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em que busca o processo de conexão e de reconstruções nos encontros e desencontros entre poetas surdos e ouvintes, formulando novas significações e estéticas poéticas. Em suas palavras “quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram, nas performances poéticas mestiças realizadas neste Slam, o problema da tradução se opera de forma autônoma e criativa, possibilitando que as línguas se beijem, se tensionem e se alarguem” (LUCENA, 2017, p. 13).

Neste trabalho, temos como objetivo principal relatar as experiências de produção e realização do Slam, evento realizado em algumas cidades do país e que tem por finalidade ser um espaço de resistência, protesto e representatividade de grupos historicamente marginalizados/as e oprimidos/as. Além disso, contextualizamos como o evento *Slam* Contrataque de Curitiba deu origem ao *Slam* específico do movimento surdo, o *Slam* Resistência Surda. Dessa maneira, iremos apresentar a experiência inédita do *Slam* Contrataque, realizado na cidade de Curitiba no ano de 2017, destacando a importância de sua ocupação em determinados territórios e a relevância da produção de discursos de resistência no evento através das poesias faladas/sinalizadas. Em seguida, relataremos o surgimento do primeiro *Slam* Resistência Surda, com a participação da primeira poeta negra surda no *Slam* Contrataque.

Este trabalho compõe um texto interseccional<sup>5</sup>, na medida em que várias identidades e posicionamentos sociais circularam no momento da escrita. Escrever um trabalho com três autores é uma tarefa que necessita de um campo epistêmico similar para se chegar ao mesmo lugar de escrita. Por mais que pareça fácil trilhar os mesmos caminhos, é importante ressaltar que os sujeitos durante a caminhada vão se tornando outros. Cada um carrega sua bagagem de conhecimento e nem sempre a “água epistêmica” que está no cantil para matar a sede da curiosidade de um, está no cantil do outro. Além do mais, somos

---

<sup>5</sup> A interseccionalidade ganhará destaque acadêmico a partir da década de 1980, com a pesquisadora e ativista negra Kimberlé Crenshaw, que irá cunhar o conceito. Em sua tese, a autora defende que, além do gênero, existem outras identidades que perpassam as mulheres negras e precisam ser levadas em conta, como raça e classe. Este conceito vem sendo utilizado nas pesquisas acadêmicas que abordam raça, gênero e classe em suas discussões.

sujeitos interseccionais, interpelados por várias identidades, o que influencia os quilômetros percorridos por cada um academicamente ou suas vivências.

Em um texto em que temos compartilhada a coautoria entre um homem negro ouvinte, uma mulher negra surda e um homem não-negro ouvinte existem encontros e desencontros identitários, ao mesmo tempo que estes sujeitos se aproximam pela raça, se distanciam pelo gênero, se aproximam pela estrutura de classe social, e assim por diante, por isso é necessário possuímos o mesmo campo epistêmico para nos encontrarmos no final deste texto, a fim de completarmos esta jornada, alcançando os objetivos propostos.

Nesta caminhada, contamos com algumas ferramentas teóricas que facilitam a realização do percurso. Partimos da “escrevivência” da poeta Gabriela Grigolom da Silva, conceito cunhado pela escritora e ativista negra Conceição Evaristo em seu livro *Beco de memória* (EVARISTO, 2006), em que a autora diz que “escrevivência é a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil”. Conceição Evaristo, localizando seu interesse discursivo, caracteriza o espaço e a condição do sujeito histórico que se anuncia às mulheres negras, deflagrando o instrumento da escrevivência como as narrativas da vida, a partir das vivências, dando importância maior às experiências vitais, entendendo a subjetividade como matéria-prima da elaboração artística.

Para Lopes (2017) a escrevivência é usada especialmente para referir-se às histórias de vida das pessoas socialmente desfavorecidas, como as de mulheres negras. Será a partir da escrevivência de Gabriela Grigolom Silva, ou Negabi, como é conhecida nos *Slams*, mulher negra surda, que serão contadas suas vivências e trajetórias para se tornar uma *slammer* e os caminhos percorridos para a realização do primeiro *Slam* Resistência Surda. Os responsáveis por estas mediações e traduções da Libras para a Língua Portuguesa são os coautores, tradutores/intérpretes de Libras/Língua Portuguesa Rhaul de Lemos e Jonatas Medeiros que, juntamente com Negabi transformaram essas experiências em reflexões teóricas que culminaram neste texto acadêmico. Para narrar essa trajetória, utilizamos como metodologia levantamentos bibliográficos, materiais audiovisuais e os relatos de experiência dos sujeitos que fazem parte do texto, neste caso os dois tradutores/intérpretes de Libras/Língua Portuguesa e a *slammer* Gabriela Grigolom da Silva.

## 1. Movimento *Slam* em Curitiba

Largo da Ordem, centro histórico e ponto turístico da cidade de Curitiba, pessoas de diversos territórios da cidade circulam por este local, é comum, que nos finais de semana ocorra uma grande circulação de transeuntes na região. Muitos que ocupam esse território, estão ali para encontrar a “piaçada”<sup>6</sup>, sentar nos bares ao redor ou, como muitos, ficar em torno da “Fonte da Memória”, conhecida popularmente como Cavalo Babão<sup>7</sup>, para conversar, tomar uma cerveja e fazer um “esquentar” antes de ir à balada.

É comum, nos finais de semana, acontecer um aumento de circulação de pessoas nesse espaço e, desde 2017, tem sido utilizado para a realização de um evento que reúne artistas de ruas, poetas, cantores, *rappers* e *slammers*: o *Slam* Contrataque. Esse evento vem acontecendo sempre no último sábado de cada mês, a aglomeração de pessoas vai aumentando, chamando a atenção ao longo das apresentações, com alguns curiosos se aproximando, enquanto frequentadores e participantes do evento vão se aconchegando nos bancos localizados no entorno, sentando na grama e transformando a praça em palco para o evento. Na multidão, ouve-se uma voz convidando os presentes que quiserem expor sua poesia de forma falada a realizarem a inscrição para, dentro de alguns minutos, iniciar-se o *Slam*.

No ano de 2017, na cidade de Curitiba, o único evento de *Slam* existente era o *Slam* Contrataque, realizado em frente ao Cavalo Babão que, depois, passou a ser acompanhado pelo *Slam* das Gúrias Cwb<sup>8</sup>, *Slam* do Parolin<sup>9</sup> e *Slam* Resistência Surda, este último objeto de nossa reflexão. De acordo, com os criadores do *Slam* Contrataque, o objetivo desse evento é ser um espaço de resistência e protesto, um meio de dar voz a todos os oprimidos e oprimidas através da poesia<sup>10</sup>. O *Slam* Contrataque foi ganhando visibilidade, permitindo

<sup>6</sup> Sinônimo utilizado no estado do Paraná para se referir as pessoas do sexo masculino.

<sup>7</sup> Fonte das Memórias ou Cavalo Babão é escultura da cabeça de um cavalo, com a boca aberta, de onde sai uma fonte de água. Para maiores informações, acesso ao site: <<https://guiaturisticocuritiba.com.br/pontosturisticos/cavalo-babao/>>.

<sup>8</sup> No ano de 2019, nasce o primeiro *Slam* exclusivamente para mulheres na cidade de Curitiba. Disponível em: <<https://www.facebook.com/slmdasguriascwb/>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

<sup>9</sup> O *Slam* do Parolin é um evento organizado pelo CrianArte que traz no título o nome do bairro Parolin, localizado na periferia de Curitiba. Segundo os organizadores, este *Slam* é um movimento de resistência e expressão. Disponível em: <<https://www.facebook.com/criancarte.parolin.16/>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

<sup>10</sup> Informação retirada do perfil do *Slam* Contrataque no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/slamcontrataq/>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

que sujeitos pertencentes a grupos historicamente oprimidos começassem a expor temas relacionados à política, ao racismo, ao sexismo, à LGBTfobia, ao audismo/ouvintismo<sup>11</sup>, ao preconceito religioso, à exclusão social e territorial, tornando-se assim, um momento das reivindicações identitárias.

**Figura 1** – Slam Contraataque Cwb.



Fonte: Arquivos dos autores.

<sup>11</sup> Audismo/Ouvintismo são manifestações do poder colonizador dos ouvintes sobre os Surdos, um poder que se institucionalizou socialmente por meio de discursos e práticas de representações a partir das quais os Surdos são associados a narrativas e comportamentos ouvintes para serem integrados socialmente (SKLIAR, 2013).

Como apontado por Lopes (2002), o discurso é uma ação social que localiza os sujeitos no mundo, assim os participantes do *Slam* são localizados durante o evento através das suas poesias faladas, sendo possível reconhecer pelo que dizem os lugares de fala (RIBEIRO, 2017) de cada um.

Antes de explicarmos a importância do *Slam* Contrataque como espaço de entrada dos *slammers* surdos nos *Slams* da cidade de Curitiba, é importante realizar uma análise do território ocupado por estes poetas subalternos. Quando utilizamos neste trabalho o termo “poetas subalternos”, temos como inspiração teórica o conceito de *investigadores subalternos*, cunhado pelo ativista e pesquisador surdo Paddy Ladd (LADD, 2013). A terminologia é utilizada para representar a mobilização do movimento surdo na construção de uma agenda política, com o objetivo de lutar e ocupar espaços estabelecidos e negados historicamente, principalmente em relação ao respeito e reconhecimento da língua de sinais e da cultura surda, contrapondo-se ao cenário nacional, em que o paradigma da “surdez” foi hegemônico, sob o domínio da ciência médica, da audiologia e da pedagogia terapêutica. Esse território constituiu as representações clínico-terapêuticas em que a surdez (e a experiência vivenciada pelos surdos) é tão somente narrada como situação de “deficiência da audição e da linguagem”, em outras palavras, narrada sob a ótica da normalidade ouvinte como anormalidade surda. Diante disso, Ladd (2013) aponta que:

O termo subalterno é utilizado para distinguir pesquisadores pertencentes a grupos minoritários que buscam ocupar lugar na academia para dar visibilidade a representações pautadas em bases sociológicas e antropológicas; subalternos podem ser membros da “base” como “intelectuais” das culturas minoritárias. (LADD, 2013, p. 21).

Apesar do objetivo dos poetas subalternos não ser a ocupação de espaços acadêmicos para dar visibilidade aos seus poemas, esses sujeitos são intelectuais pertencentes às culturas minoritárias e que, historicamente, foram oprimidos, construindo um conhecimento de resistência por meio de suas poesias faladas. Por isso, optamos em utilizar o termo de inspiração teórico-conceitual “poetas-subalternos”, visto que a manifestação desses *slammers* não tem como principal meta ocupar as universidades, mas sim, espaços subalternizados em que são estigmatizados socialmente.

Ocupar os territórios subalternos da cidade é uma forma de construir um movimento de ocupação, que leva aos que circulam por estes espaços uma



construção de desobediência política e epistêmica (MAGNOLO, 2008, p. 316). Sendo assim, é importante compreender que esses espaços em que são realizados os *Slams* não são apenas territórios, mas constituem-se como arenas políticas de resistência, onde se produz conhecimento. Sujeitos pertencentes a outros lugares da cidade, como as periferias, ocupam esses lugares aos finais de semana e suas vivências são marcadas por elas.

Por isso, realizar o *Slam* Contrataque e o *Slam* Resistência Surda no centro histórico de Curitiba, em frente ao “Cavalo Babão”, é uma forma de ocupar e mostrar que os grupos oprimidos e os poetas subalternos também fazem parte daquele espaço da cidade. Além disso, é uma forma de transformar esse local, mostrando que não é meramente um lugar onde pessoas de diversos grupos se reúnem, mas um espaço que se mostra produtor de conhecimento e um lugar de educação e conscientização política e social, permitindo aos sujeitos da plateia uma reflexão de onde eles estão localizados nos discursos políticos hegemônicos. Como afirma Freire (1967), é necessário que as pessoas sejam donos de suas histórias, para que dessa forma consigam se descolonizar, compreendendo que são sujeitos subalternos e oprimidos por seu gênero, classe e raça.

Os espectadores do *Slam*, assim como os *slammers*, produzem reflexões libertadoras que os permitem enxergar as políticas e ideologias dominantes criadas pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE)<sup>12</sup>, que servem como mecanismos de posicionamento dos sujeitos na sociedade. São os AIE que dirão o que você deve, ou não, fazer (ALTHUSSER, 1985, p. 68). Para Pereira e Espósito (2019) “é possível compreender as comunidades de poesia Slam e sua rede de integrantes como promovedores de um tipo de prática de letramento, que estimula aprendizado e compreensões acerca de determinada realidade social”.

A partir do *Slam* Contrataque houve a inspiração para que outros *Slams* fossem criados na cidade de Curitiba, ocupando e ressignificando outros territórios. Como ressaltado por Pereira (2011), não é possível desvincular território e política, assim os *Slams* vão criando espaços que possibilitam uma conscientização ideológica e política dos sujeitos que participam desses eventos; diferente do que ocorre nos discursos hegemônicos, em que o alterocídio (MBEMBE, 2017, p. 26) é realizado – o Outro nesses discursos não é reconhecido como

<sup>12</sup> Para Althusser, são Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE): religião, escola, família, o jurídico, a família, a imprensa e a cultura (ALTHUSSER, 1965, p. 68).

semelhante mas sim como uma ameaça. O *Slam* realiza o movimento inverso, descolonizando os discursos e servindo de espaço para a alteridade, por meio dos discursos que circulam através das poesias faladas.

Estamos acostumados a nos olhar no espelho hegemônico e, quando refletida nossa imagem, como destaca Quijano (2005), notamos uma imagem parcial e distorcida, aceita como única imagem a ser produzida por nós mesmos. Por isso, entendemos que espaços como o *Slam*, construídos a partir das alteridades, tornam-se importantes, pois os discursos que circulam permitem que os grupos historicamente excluídos socialmente continuem tendo voz e permaneçam resistindo aos mecanismos de opressão. Como bem lembrado por Lopes (2002), as identidades são criadas por meio das práticas discursivas; sendo assim, as poesias faladas/sinalizadas nos *Slams* são discursos que influenciam a construção identitária de seus participantes, mobilizando a circulação de poesias descolonizadas nesses territórios.

Ainda, a prática da poesia oral que objetiva desestabilizar os discursos cristalizados, pode ser vista como “letramentos de reexistência”, conforme coloca Souza (2011), ao analisar culturas e identidades no movimento hip-hop, que pode ser associado ao *Slam* por ser uma expressão poética construída a partir de um lugar de fala determinado.

A partir da criação desses espaços descolonizados, a comunidade surda começou a ocupá-los, produzindo seus discursos políticos de resistência por meio da manifestação de poetas surdos. A experiência do *Slam* Contrataque de Curitiba possibilitou reflexões acerca de tantas outras opressões e nos levou a problematizar formas alternativas de denunciar a exclusão que vivenciam surdos e surdas em razão de sua diferença linguística. A próxima seção é dedicada a relatar as motivações que levaram à organização de um *Slam* específico do movimento surdo, explicitando os discursos políticos que foram apresentados no 1º *Slam* Resistência Surda em Curitiba, por meio da poesia em língua de sinais.

Em Curitiba, a primeira participação de um/a poeta surdo/a, aconteceu no *Slam* Contrataque. Gabriela Grigolom Silva – ou como é conhecida entre os *slammers* “Negabi” – em sua primeira participação apresentou poemas sinalizados, abordando temáticas sobre o feminismo, a língua de sinais, a luta contra o racismo e as barreiras enfrentadas por ser uma mulher negra surda. Para ocupar o *Slam* foi preciso romper com alguns mecanismos de opressão

que impossibilitavam Negabi, como surda, de ocupar esse lugar, reflexões que passamos a apresentar.

## 2. Minorias linguísticas: Negabi empoderada

Por pertencer a uma comunidade de minoria linguística e que por anos sofreu com tentativas de subordinação, a comunidade surda luta, assim como os demais grupos minoritários, contra as tentativas de homogeneização cultural e linguística e problematiza os discursos clínicos-terapêuticos que perpassam por seus corpos.

A comunidade surda vem resistindo durante anos às práticas e aos saberes ouvintes em geral sustentados institucionalmente em associações médicas, em clínicas médicas, de fonoaudiologia, de psicologia, em escolas e institutos educacionais e de correção de voz. Acusadas de desviarem os surdos do tratamento de que eles necessitam para estarem em uma sociedade majoritariamente ouvinte, as comunidades surdas ainda precisam criar estratégias para sobreviver e garantir aos surdos um espaço de identidade. (LOPES, 2007, p.76).

A história do povo surdo<sup>13</sup> foi marcada por uma historiografia clínico-terapêutica constituída por uma pedagogia corretiva, com o objetivo de normalizar e corrigir corpos deficientes. Segundo Skliar (2013) foram mais de cem anos de práticas de tentativa de correção e normalização e de violência institucional. Com o objetivo de incluir os/as surdos/as na sociedade a fim de torná-los/as pertencentes a um grupo majoritário, cria-se a surdez como um campo conceitual e ideológico de localização das narrativas sobre os sujeitos surdos/as a partir da deficiência de audição e da linguagem oral. A surdez localizada no campo da deficiência passa a ser discutida/apresentada pelo colonizador ouvinte, na concepção clínico-terapêutica, como algo a ser reabilitado, difundindo a normalização desses sujeitos, a fim de se enquadrarem aos padrões estipulados por quem ouve e fala uma língua oral. Para Rezende

Foi nesse campo da medicina que se inventou a surdez como deficiência, que se produziram discursos e saberes sobre os surdos como deficientes e necessitados e que se inventa-

<sup>13</sup>Povo surdo é uma referência aos sujeitos surdos/as que compartilham os costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades culturais, ou seja, constrói sua concepção de mundo através do artefato cultural visual, isto é, usuários defensores do que se diz ser povo surdo. Seriam os sujeitos surdos/as que podem não habitar no mesmo local, mas que estão ligados por um código de formação visual independentemente do nível linguístico (STROBEL, 2008, p.34).

ram técnicas de correção. Técnicas de correção inventadas. Discursos científicos inventados. Saberes e práticas discursivas inventadas. Discursos fabricados sobre a normalização surda (2010, p. 44).

Normalizar o surdo é uma forma de negá-lo, negar sua diferença, língua, cultura e identidade. Assim, as práticas clínicas aplicadas pelos ouvintes ao longo dos anos se esforçaram em reabilitar a fala oral do surdo, negando sua subjetividade, retirando-o de sua comunidade, de modo a deslocar sua identidade. Para Lane (1992), no estereótipo do ouvinte a surdez representa a falta e não a presença de algo. Ao representar o surdo através da surdez, o campo clínico o traduz como incapaz, sem língua e sem cultura. Como bem explicado por Lopes (2007), “culturalmente produzimos o anormal, o surdo, o deficiente, o desviante, o exótico, o comum, entre outros que poderiam compor uma lista infundável de sujeitos”.

Apesar das tentativas de normalização dos sujeitos surdos, a comunidade surda continua mobilizando-se com o objetivo de reivindicar o direito de ser reconhecida como um coletivo de sujeitos socioantropológicos, promovendo a ruptura com a representação da deficiência em que foram/são enquadrados historicamente nos discursos legais, educacionais, médicos, religiosos e todas as outras esferas que constroem representações simbólicas na sociedade.

A partir dessa breve síntese, é possível refletir como os estereótipos e estigmas foram sendo construídos sobre os corpos dos sujeitos surdos. A fim de romper com essas invenções e mitos sobre seu povo, Negabi tomou a decisão de se inscrever no *Slam* Contraataque, a fim de denunciar outras opressões sofridas por esses sujeitos através de sua poesia política.

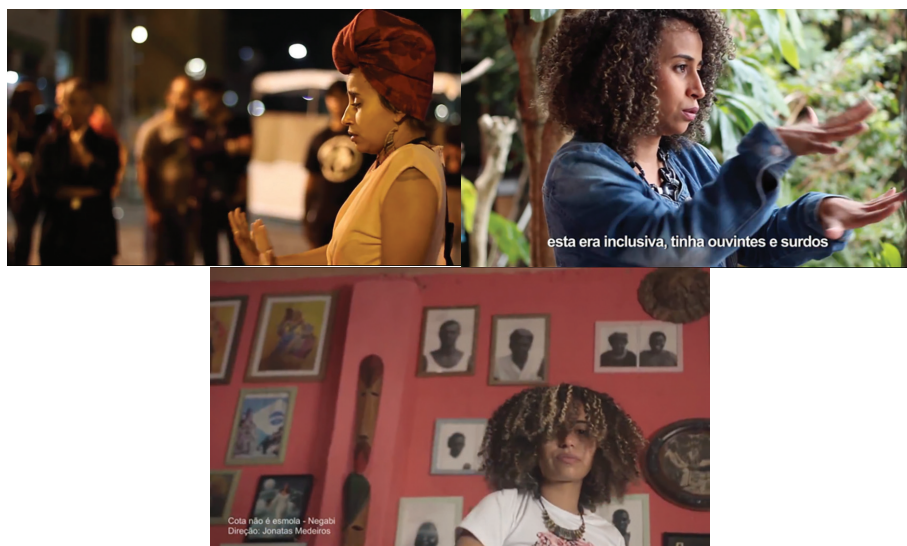
Negabi relata que tinha visto o *Slam* Contraataque, mas não sabia o que era. Um dia entrou nas redes sociais e realizou uma busca sobre o *Slam* e descobriu que se tratava de um evento em que poetas, ativistas e artistas em geral se encontravam com o objetivo de realizar poesias faladas como forma de protesto. Como membro de uma família de artistas e querendo se envolver cada vez mais com a arte, com o propósito de desenvolver a arte surda na cidade de Curitiba, decidiu participar do *Slam* Contraataque, mas para a sua participação era necessário o apoio de tradutores/intérpretes de Libras/Língua Portuguesa.

A poeta Negabi tem um histórico de muita luta em sua vida particular. Consideramos sua imagem como símbolo da resistência da mulher negra surda em

Curitiba. Após sofrer violência doméstica e passar por uma depressão ocasionada pelos abusos sofridos pelo, então, marido surdo, com muito apoio de sua mãe e sua tia buscou retomar sua vida, denunciou o agressor e entendeu que outras mulheres surdas passavam pela mesma situação, sem contar com nenhum tipo de auxílio.

Um recente documentário feito pela historiadora Pamela de Souza Oliveira (2019) traz como tópico central o testemunho de Gabriela como fonte: uma análise a partir dos estudos decoloniais e Estudos Surdos<sup>14</sup>. A autora conta a trajetória de Negabi, trazendo seus testemunhos em entrevistas e acompanhando suas atividades artísticas. Tomando iniciativa para as mudanças de vida, escolheu fazer um curso de formação intitulado Promotoras Legais Populares (PLP)<sup>15</sup>, ação extensionista do curso de Direito da Universidade Federal do Paraná. Nesse período Negabi ainda se sentia muito debilitada com o complexo processo de violência que vivenciara, isso somado à responsabilidade de ser mãe sem a presença e auxílio do pai.

**Figura 2** – Contrataque à colonialidade: a experiência de Negabi, 2019.



Fonte: Print do documentário ainda não publicizado. Arquivo dos autores (2020).

<sup>14</sup> Os Estudos Surdos são um campo epistemológico que reúne pesquisas oriundas de surdas/surdos, tradutores intérpretes de Libras e pesquisadores aliados que discutem sobre a surdez e a língua de sinais em uma perspectiva antropológica, que desvincula seus pressupostos da visão clínica-terapêutica.

<sup>15</sup> Um projeto internacional para formação de mulheres em defesa de direitos, pautado no combate à discriminação e opressão, vem sendo implantado em Curitiba por intermédio do curso de Direito da UFPR. As Promotoras Legais Populares (PLPs) atuam em vários países e em Curitiba desde 2012. <<https://www.ufpr.br/portalfufr/noticias/projeto-de-extensao-capacita-mulheres-contra-discriminacao-e-desigualdades/>>.

O curso foi decisivo para o fortalecimento emocional de Gabriela, que se recompunha na militância e para seu despertar artístico pelo teatro e pela poesia. Sua formação como primeira Promotora Legal Popular negra surda foi concluída graças à ajuda voluntária de algumas mulheres aprendizes de Libras, que atuaram como intérpretes do curso. Gabi se sente muito agradecida, embora o excessivo número de trocas de voluntárias durante o processo de formação tenha deixado prejuízos, mas não seria possível concluir um curso planejado, organizado e ministrado na modalidade oral da Língua Portuguesa sem esse apoio.

Vinda de uma família de artistas, Negabi sempre teve muita proximidade com performances e músicas cantadas e tocadas pelo seu pai, e buscou se aproximar dos movimentos populares, como o movimento negro, grupos de hip-hop e capoeira, além do contato com grupos feministas de várias frentes da cidade. Em uma entrevista concedida ao jornal eletrônico Escotilha, a poeta se apresenta:

Sou Gabriela Grigolom Silva, tenho 28 anos, solteira, e tenho dois filhos CODA (Children of Deaf Adults, ou filhos de adultos surdos, em tradução literal do inglês). Sou filha de Sandra Mara Grigolom, professora de artes visuais, e de Mário José Silva, músico, que me influenciou muito. **Acredito que meus pais foram minha grande inspiração como artista, “peguei” deles, com as mãos, o tato pra arte.** Desde pequena ia ao teatro com minha mãe, e sempre acompanhava meu pai em suas músicas. Quando era pequena, eu ia sem entender, mas aos poucos fui compreendendo que o teatro e a arte não eram meu espaço. Hoje em dia, vou poucas vezes ao teatro, não é um espaço que os surdos conhecem. (URÂNIA, 2018).

Na entrevista Gabriela diz o quanto é importante para as mulheres surdas terem conhecimento sobre os estudos feministas, e que não é fácil ser uma mulher surda sozinha e ocupar espaços, explicitando a necessidade de uma abertura para reconhecer surdas negras, surdas trans, surdo-cegos gays e tantas outras identidades.

Negabi confirmou presença no 7º *Slam Contrataque de Curitiba*, divulgado nas redes sociais por meio de página criada no Facebook e, instantes depois, o tradutor/intérprete de Libras Jonatas Medeiros também confirmou presença no evento. Pensando em um possível apoio, ela entrou em contato com o profissional que, há alguns anos, realiza trabalhos de tradução e interpretação no campo artístico. Em *chat*, ambos comentaram a coincidência e a necessidade

de marcar um “rolê” pós-evento. Gabi comentou que gostaria de apresentar um poema e perguntou se Jonatas poderia fazer a interpretação, confirmam e combinam o encontro para ensaiar a poesia e a interpretação. Ao se encontrarem, Gabi explicou os objetivos do *Slam* e das poesias declamadas. Depois do primeiro encontro e de várias horas de ensaios e tentativas, foi criado um poema pela Negabi. Faltando algumas semanas para o *Slam* e com poucos dias livres para o ensaio da poesia, pensou-se na possibilidade de convidar uma tradutora/intérprete de Libras/Língua Portuguesa negra para a realização da tradução, mas o tempo curto impediu a localização de uma intérprete disponível para a realização dos ensaios. Assim, o convite foi direcionado ao tradutor intérprete de Libras, Rhaul de Lemos, amigos de ambos e que se aproximava da questão racial e a pauta de ativismo.

Eu procurei o intérprete Jonatas, que, por coincidência, ao mesmo tempo estava me procurando, porque a organização do evento entrara em contato com ele (risos). O Jonatas procurou o intérprete Rhaul e nós três trabalhamos algumas tardes juntos. Eu não tinha exatamente um poema em mente, estruturado, com começo meio e fim. Eu tinha várias cenas, várias descrições com classificadores em Libras, um pouquinho de Vernacular Visual, minha história, meu gênero, minha cor, minhas mãos. (URÂNIA, 2018)

No dia do evento, todos nós estávamos empolgados e ansiosos pelo desafio, era marcante ter a participação de Negabi, a primeira mulher surda em uma competição de *Slam*, em Curitiba e, quiçá, no Paraná. Muitas pessoas estavam reunidas na praça. Na primeira apresentação, ao iniciar o poema, “*deu branco*”. A poesia treinada, idealizada e toda estruturada não encontrou sua sequência na hora da performance, Negabi esqueceu seu texto. Os jurados permitiriam a poeta recomeçar o poema, Gabi retoma, conclui, sem fazer exatamente o que tinha sido ensaiado. Gabi ficou triste, mas manteve firmeza.

Para nossa surpresa a poeta foi selecionada para a segunda e última apresentação daquela edição. Felicidade e medo... não havia produzido outro poema e muito menos ensaiado com os intérpretes. Preocupada, Gabi diz aos intérpretes que pensa em improvisar um texto na hora da apresentação, no calor da emoção. Entre eles, combinam que Jonatas faria a voz, na hora iam ver o que aconteceria. Aconteceu que Gabi declamou um poema marginal de denúncia a todos os horrores que as mulheres surdas sofrem. Em um só fôlego, suas mãos denunciaram a falta de acessibilidade, a invisibilidade da sua pessoa e a violação

dos seus direitos linguísticos. O pedido de justiça foi o tom da poesia sinalizada. O debate da mulher, negra e surda foi a mensagem que marcou o conteúdo da sua poesia, fazendo da sua vida, texto, representatividade e demarcando o seu lugar de fala.

**Figura 3** – Poema *Mulher Negra Surda*, de Gabriela Grigolom.<sup>16</sup>



Fonte: Arquivo dos autores (2018).

O poema “Mulher Negra Surda”, postado na internet (Facebook e Youtube), teve rápida repercussão, com milhares de compartilhamentos e centenas de comentários. A poeta começou a ser procurada por vários segmentos sociais e espaços de promoção artística. Convites para apresentações de poemas e entrevistas começaram a fazer parte da sua agenda. Isso fortaleceu Negabi para, junto com seus amigos intérpretes, criar o *Slam Resistência Surda*, nome que o grupo batizou para o evento de *Slam* com temática e apresentação de poetas surdos e ouvintes sinalizadores. O grupo objetivou fomentar a poesia sinalizada em Libras por artistas surdos e não-surdos, utilizando-se do espaço democrático da praça para expor sua arte e levar suas mensagens.

Essa iniciativa de criar um espaço de arte surda em Curitiba fortaleceu suas ações e permitiu que muitos trabalhos fossem realizados. Negabi proferiu palestras em vários espaços como na Quinta Preta, da UFPR<sup>17</sup>, participou no

<sup>16</sup> Disponível em: <encurtador.com.br/yP157>. Acesso em: 10 abr.2020.

<sup>17</sup> O projeto Quinta Preta, vinculado à UFPR, é realizado em uma quinta-feira, uma vez ao mês. Sob a coordenação da profa. Lucimar Rosa Dias, da mestranda em Educação Aline Di Giuseppe e do doutorando em Filosofia Pedro Augusto Pereira Gonçalves, o projeto promove, por meio de diferentes formatos de apresentações, um rico debate sobre as questões étnico-raciais que transitam entre a produção e a pesquisa acadêmicas, educação, militância negra e cultura. A cada mês uma pessoa negra expõe seu trabalho. O evento tem a intenção de expandir a presença negra na universidade, além de explicitar temas que atravessam as vivências negras no Paraná.



Julho das Pretas<sup>18</sup>, no dia da Mulher Negra Latina e Caribenha, no quintal da Maria<sup>19</sup>, em rodas de bate papo, em espaços como o SESC da Avenida, no LiteraSurda<sup>20</sup> e no Manos e Minas, da Tv Cultura<sup>21</sup>. Finalista do *Slam* Contrataque de Curitiba, teve sua vaga garantida para o *Slam* Brasil, onde competiu com *slammers* de todas as regiões do país.

**Figura 4** – Poeta Negabi no Programa *Manos e Minas*.



Fonte: Imagem print do vídeo no Youtube.<sup>22</sup>

Ainda em 2019, Negabi também começou a realizar outros trabalhos, atuando como atriz principal na peça *Quando a chuva cai*, da companhia Flucionante; performou a tradução da música *Cota não é esmola*<sup>23</sup>, de Bia Ferreira, em um clipe audiovisual produzido pela Fluindo Libras<sup>24</sup>; também com produção da Fluindo Libras, Negabi participou do espetáculo teatral *Surdo logo, existo*, dirigido por Gabriela Grigolom e Jonatas Medeiros, primeira peça com elenco formado exclusivamente por surdos a se apresentar no Teatro Guáira.

No mesmo ano, a poeta participou do documentário *Seremos ouvidas* (MOREIRA, 2019), dirigido pela cineasta Larissa Moreira, sobre feminismo

<sup>18</sup> O Julho das Pretas é uma agenda conjunta e propositiva com organizações e movimento de mulheres negras da Bahia, região Nordeste, e mais alguns estados do país, como no Paraná, voltada para o fortalecimento das organizações de mulheres negras. Para saber mais: <<https://institutooodara.org.br/julho-das-pretas/>>. Acesso em: 03 mai. 2020.

<sup>19</sup> O Quintal da Maria é um espaço com gastronomia voltado ao samba de raiz, e eventos diversos são realizados no local.

<sup>20</sup> LiteraSurda é um clube do livro em Libras, acessível e aberto para todos os públicos que queiram compartilhar experiências e ampliar discussões sobre a produção literária visual de forma livre e descontraída. A cada encontro, artistas, poetas e escritores surdos são convidados para bater um papo sobre suas produções. Os encontros são mediados por Erika Mota e Sylvia Sato.

<sup>21</sup> *Manos e Minas* foi um programa da TV Cultura extinto em 5 de julho de 2019. No programa, o universo do jovem da periferia e o resgate de histórias da cultura brasileira e internacional foram marcas registradas.

<sup>22</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=7FuNSTijl\\_k](https://www.youtube.com/watch?v=7FuNSTijl_k)>. Acesso em: 03 mai. 2020.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rzQdSbOrACE>>. Acesso em: 12 abr. 2020>

<sup>24</sup> Estúdio de tradução e produção artística em Libras, <<http://www.fluindolibras.com.br>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

surdo e, na sequência, protagonista do documentário *Contrataque à colonialidade: a experiência de Negabi* (OLIVEIRA, 2019), dirigido por Pâmela de Souza Oliveira. Em 2020, a poeta e ativista foi aprovada em primeiro lugar na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, em Curitiba, sendo a primeira surda bilíngue a ocupar uma vaga no curso de bacharelado em Teatro na instituição.

### 3. Slam resistência surda: o acontecimento

O acontecimento da participação de Gabriela Grigolom no *Slam* *Contrataque* fez crescer na artista o desejo de criar um espaço para a participação efetiva dos surdos em um *Slam* dedicado especialmente à comunidade surda de Curitiba e região metropolitana; foi quando nasceu o *Slam* Resistência Surda.

O evento, mantido na praça do Cavalo Babão, foi organizado de modo a apresentar a recepção do *Slam* na cidade e agitar a cena poética da comunidade surda. Foi criado um evento no Facebook com o convite para o público surdo e as informações sobre a participação de poetas. O vídeo-convite foi filmado na praça do Cavalo Babão, onde são realizados os *slams*, escolha justificada pela referência da informação visual do local a ser ponto de encontro da comunidade surda. O convite tem a duração de vinte e oito segundos, com informações objetivas sobre o evento de poesia, local, data e horário.

**Figura 5** – Convite: *Slam* Resistência Surda.



Fonte: Print do vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rnUPnke6Aw0>.

O segundo vídeo publicado pelo grupo foi referente às regras de participação no *Slam* Resistência Surda, como tempo e número de poemas, além da forma de contato para solicitar interpretação do poema com antecedência. No vídeo são informadas as formas de contato de poetas surdos que quiserem apresentar seus poemas, para organização prévia da tradução para o português.

**Figura 6** – Vídeo sobre *Slam* Resistência Surda – Regras.



Fonte: Arquivo dos autores (2018).

O vídeo traz informações sobre o *Slam* Contrataque, em Curitiba, e seus objetivos de constituir um espaço de resistência e protesto, um meio de dar voz a todos os oprimidos, por meio da poesia. A estrutura do vídeo divide-se em apresentação (O que é o *slam*?), regras e informações sobre poetas surdos. As regras funcionam da seguinte forma:

- Os poemas podem versar sobre qualquer assunto ou tema e ter qualquer estilo. Cada poeta tem que apresentar poemas originais de sua autoria.
- Não é permitido o uso de auxílios visuais ou/e fantasias. A regra sobre auxílios visuais tem o intuito de manter o foco nas palavras (e na performance) e não em objetos.
- Não é permitido o uso de instrumentos musicais, ou música pré-gravada.
- *Sampling*: os poetas podem citar palavras e letras de obras de outros autores.
- Não é permitida a repetição de poemas. Cada poema pode ser usado uma única vez durante as eliminatórias e uma vez na grande final.
- As performances seguem a regra dos três minutos. Todas as performances não devem ultrapassar o tempo de duração. O tempo começa a ser contado a partir do momento em que o poeta se dirige ao público.

O evento foi realizado no dia 26 de maio de 2018 às 18:30, com uma média de participação de 120 pessoas, das quais, pelo menos, 40 eram surdas.

Tivemos a participação de três poetas surdos, Gabriela Grigolom, Rafaela Hoebel e Diegho Lima (Dibi Boy) e no grupo de jurados foram garantidos como membros dois ouvintes e dois surdos. A comunidade surda se mostrou muito receptiva ao evento e, para além dos intérpretes já engajados na criação do *Slam Resistência Surda*, contou-se com a contribuição de Grazielle da Silva Lopes, estudante de Letras Libras da UFPR, bilíngue, que se dispôs a interpretar a voz na performance da poesia de Negabi. As intérpretes Maria Eunice Celestino, Daniele Marrie Moraes Alves e Juslaine Beatriz Reni do Nascimento também estiveram presentes, contribuindo com as interpretações do português para Libras.

As poesias surdas entoaram um discurso protagonizado pela afirmação da identidade surda, o orgulho surdo e as lutas pela acessibilidade linguística e o direito à língua de sinais. Os poetas surdos que participaram do evento trouxeram em todas as suas poesias a dicotomia surdo e ouvinte, colocando-se em polos diferentes, para assim retratar a desigualdade e as injustiças sofridas pelas pessoas surdas. Para Negabi, foram poesias de denúncia que mostram a luta dos surdos para que ouvintes acordem e enxerguem o que sempre foi ignorado, a presença dos surdos e da língua de sinais na sociedade.

O evento demarcou o início de uma mudança no cenário da poesia surda da cidade. Após o *Slam Resistência Surda*, outras atividades similares foram realizadas, fomentando a participação da comunidade surda na esfera artística. O *Slam Araucária* foi um exemplo disso, evento criado como projeto de extensão da UFPR, a fim de propiciar um espaço de poesia surda e outros gêneros como o humor surdo e narrativas.

O *Slam Resistência Surda* teve sua segunda edição realizada em 2018, no espaço do Teatro Universitário de Curitiba (TUC), em comemoração à Semana da Consciência Negra. Na sequência, o 3ª *Slam Resistência Surda*, realizado em 2019, teve a participação especial do poeta *slammer* negro surdo Edinho – referência nacional em poesia surda –, além da discussão de temáticas periféricas, em parceria com o cantor e ativista James Bantu. Nessa terceira edição foram promovidas uma mesa-redonda e uma oficina de poesia em dois dias de evento, com o apoio do curso de Letras Libras, da UFPR, e do estúdio de tradução artística Fluindo Libras.

## Conclusão

Este trabalho teve como objetivo relatar as experiências de produção e realização do *Slam*, evento realizado em algumas cidades do país e que tem por finalidade ser um espaço de resistência, protesto e representatividade de grupos historicamente marginalizados/as e oprimidos/as através da poesia. O evento *Slam*, com competições de poesias envolvendo poetas periféricos, é realizado em algumas cidades do país.

Para este trabalho, apresentamos as narrativas da poetisa Gabriela Grigolom, com mediação dos intérpretes de Libras Rhaul de Lemos e Jonatas Medeiros, sob a forma de escriturências. Descrevemos o *Slam* como um espaço político em que aconteceu um rompimento linguístico, quando as pessoas surdas se apoderaram desses espaços, produzindo discursos políticos de resistência e letramentos.

Pensando em toda movimentação dos poetas para a criação desse evento, buscamos relatar como o evento *Slam* Contrataque Curitiba, deu origem ao *Slam* específico do movimento surdo e refletir sobre as temáticas apresentadas no 1º *Slam* Resistência Surda em Curitiba. A presença da poeta Gabriela Grigolom foi fundamental e decisiva para a formação do *Slam* Resistência Surda. Graças à sua aproximação de movimentos políticos de minorias e seu histórico de memórias com a arte, após um episódio pessoal de violência, a poeta somou forças para iniciar o curso de Promotoras Populares Legais, o que possibilitou seu amadurecimento sobre as questões feministas e sua maior aproximação com as discussões minoritárias.

Após sua primeira participação no *Slam* Contrataque e com a repercussão positiva de sua poesia, cresceu a vontade da poeta de organizar um espaço para as apresentações de poetas surdos. Para isso, foi necessária uma mobilização para a formação de público, com a criação de evento em redes sociais, a produção de convite em videolibras, e vídeo apresentando o funcionamento do *Slam* e a divulgação de suas regras. O primeiro *Slam* Resistência Surda, com apoio do *Slam* Contrataque, apresentou aos surdos de Curitiba essa modalidade poética, instigando a comunidade a participar e a produzir suas poesias em um espaço democrático e aberto para participação de todos.

Nessa sequência, outros eventos de poesia e saraus em língua de sinais começam a acontecer, demonstrando plena mudança no cenário artístico da comunidade surda curitibana. A própria continuidade do *Slam* Resistência

Surda, em sua quarta edição, nos revela o esforço da poeta Negabi para continuar no propósito de fortalecer esses espaços políticos do fazer poético.

O *Slam Resistência Surda*, assim se revela como um significativo espaço de empoderamento surdo e da produção de narrativas poéticas sobre as vivências surdas, podendo se configurar como local de educação e formação de consciência política. As dores surdas trazidas nessas narrativas acolhem um debate muito mais plural sobre as identidades surdas, tendo a língua de sinais e a denúncia por justiça como principais pautas de reivindicação nas poesias.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- D' ALVA, R. E. SLAM: Voz de levante. *Revista Rebento*, n 10. 2019. Disponível em: <<http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/360/0>>. Acesso em: 02 mai. 2020.
- EVARISTO, C. *Becos de memória*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017
- FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- Hooks, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- LADD, P. *Em busca da surdidade: colonização dos Surdos*. Lisboa: Surd'Universo, 2013.
- LANE, H. *A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1992.
- LOPES, L. P. da M. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva da raça e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- LOPES, M. C. *Surdez e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007
- LUCENA, C.T. *Beijo de Línguas: quando poeta surdo e poeta ouvinte se encontram*. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2017.
- MIGNOLO, W. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Bueno Aires: Ediciones del Signo, 2010.
- NEVES, C. A. de B. Slams: Letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. *Revista Linha D'Água*. São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017.

OLIVEIRA, P. de S. *Contrataque à colonialidade: a experiência de Negabi*. 2019. Relatório do produto prático apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado no curso de História – Memória e Imagem. Departamento de História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

PEREIRA, M. F. V. Território e política: práxis invertidas e desafios da existência. *Revista Sociedade e natureza*. Uberlândia, 23 (1): 95-104, abr. 2011.

PEREIRA, C. M; ESPOSITO, D. R. O. Espaço feminino nas competições de poesias *Slam*: discurso de resistência na performance de Gabz. *Revista Crítica Cultural*. UNISUL. ISSN 19-80-6493. 2019.

PIERUCCI, A. F. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 2013.

QUIJANO, A. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

REZENDE, P. L. F. *Implante coclear na constituição dos sujeitos Surdos/as*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala*. São Paulo: Editora Pólen, 2019.

SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em educação: problematizando a normalidade. In: \_\_\_\_\_. *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013, pp 7-32.

SOUZA, A. L. S. *Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop*. 2009. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269280>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

STROBEL, K. L. *Surdos/as: vestígios culturais não registrados na história*. 2008. 176f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.

STROBEL, K. L. *Surdos/as: vestígios culturais não registrados na história*. 2008. 176f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.

URÂNIA, M. 1º Slam Resistência Surda: entrevista com Gabriela Grigolom Silva, poetisa e organizadora. Site Escotilha – Cultura, Diálogo e Informação. Disponível em: <<http://www.aescotilha.com.br/colunas/zero-pila/1o-slam-resistencia-surda-entrevista-gabriela-grigolom-silva/>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

## FILMOGRAFIA

CONTRATAQUE À COLONIALIDADE: a experiência de Negabi. Dirigido por OLIVEIRA, P. de S. Curitiba. 2019.

SEREMOS ouvidas. MOREIRA, L. Curitiba. 2019.